

Governo dispensa crédito do Bird

AGÊNCIA ESTADO

Washington — O Brasil não está usando adequadamente as linhas de crédito do Banco Mundial. Os programas de abertura da economia iniciados no governo Collor permitiriam, segundo cálculos feitos dentro do próprio banco, ter acesso a recursos de até nove bilhões de dólares num prazo de três anos. É um montante vultoso, equivalente a 2,57 por cento do PIB (Produto Interno Bruto, tudo o que os brasileiros produzem num ano).

A ênfase do Banco Mundial (cujo nome oficial é Bird — Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento) na política comercial permitiria obter, somente para essa política, empréstimos de dois bilhões de dólares ou 500 milhões de dólares ao ano, durante quatro anos. Recursos de um bilhão de dólares poderiam ser obtidos a prazo curto — entre seis meses e um ano, inclusive durante o atual ano fiscal (15 de julho/90 a 30/6/91) destinados a favorecer o balanço de pagamentos — ou seja, melhorar a situação cambial imediatamente, o que pode ser necessário para a renegociação da dívida bancária. Esta é uma modalidade não usual para o Bird, cujos em-

préstimos têm por objetivo apoiar políticas de longo prazo (privatização, comércio, investimentos em infra-estrutura, reformas estruturais).

O dinheiro do Banco Mundial custa barato — os juros são de 7,74 por cento ao ano mais 0,25 por cento de comissão (**commitment fee**) e outros 0,25 por cento se não houver desembolsos. Mas nem uma linha de 117 milhões de dólares para o Programa Nacional do Meio Ambiente foi utilizada. O crédito foi aprovado no ano fiscal 90 (que terminou a 30/6) e constou do primeiro relatório do Bird sobre o tema: **O Banco Mundial e o Meio Ambiente**, divulgado sábado em Washington. O Bird está negociando a participação alemã de 18 por cento no projeto, cujo valor total é de 66 milhões de dólares e portanto o Brasil deverá entrar com somente sete por cento (ou 11,6 milhões de dólares). O empréstimo do Bird dá ênfase às regiões amazônica, Pantanal e Mata Atlântica. Outros programas de meio ambiente destinam-se a preservar a vida animal e proteger a região das costas brasileiras.

NOVOS TEMPOS

Foi-se o tempo em que o presidente do Banco Mundial, Ro-

bert McNamara, criticava com frequência o Brasil por não mostrar sensibilidade diante dos problemas sociais. O então ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto, comentava: "Pode nos criticar, desde que continue nos dando dinheiro. Era uma época em que o Brasil era o País mais atendido pela instituição internacional, somente ultrapassado pela Índia, quando se acrescentava os empréstimos da Associação Internacional de Desenvolvimento (AID) aos quais o Brasil não tinha acesso por ser um país mais rico. Hoje, o Brasil dá-se ao luxo de recusar os empréstimos do Banco Mundial.

Nossas relações com o Banco Mundial mudaram, disse Marcos Gianetti Fonseca, secretário do Planejamento do Ministério da Economia, por ter mudado nossa política econômica. O Governo brasileiro está dando prioridade ao equilíbrio das contas públicas. Ora, os empréstimos do Bird, além de exigirem uma contrapartida que não temos, são também muito caros. Na realidade, um cálculo que leva em conta não apenas a taxa de juro, mas também as comissões e o risco de câmbio, elevam o custo do dinheiro a cerca de 15 por cento.